

Nos tempos da diáspora, ruídos na língua, travessias - uma experiência de tradução como dança

In times of diaspora, noises in the language,
crossings - an experience of translation as dance

Susana Carneiro Fuentes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87169>

Resumo

A escuta atenta de rumores na língua, rumores no tempo, no processo de tradução para a língua inglesa do conto de Cristiane Sobral “Cândido Abdellah Jr.”. Ecos de travessias e diásporas no ato tradutório, em perspectiva intercultural. A tradução como diálogo com as temporalidades diaspóricas que aparecem no ruído entre línguas, no Jetztzeit, o tempo benjaminiano que se faz ouvir. Em conversas de mundos identitários em constante devir. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos que se chocam, e resíduos - e pregas, na imagem de Benjamin. Homi Bhabha fala do “‘presente’ benjaminiano: aquele momento que explode para fora do contínuo da história”. Na tradução intercultural, caminhos de uma escuta atenta para indagações, para que esses ruídos falem e incidam sobre o original em intensidade e desejo de escuta. Ouvir, na tradução, fendas por onde seguir, e no conto de Cristiane Sobral, aberturas falam de um personagem que dialoga com a dor de separações, travessias. No ato de sobrevivência, pensar, com Bhabha, “o tempo do corpo em performance”. O conto e minha tradução foram apresentados na Oficina do SELCS Brazilian Translation Club, uma parceria realizada entre a Universidade de Londres, a Festa Literária das Periferias e o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/Uerj.

Palavras-chave: ser negro; temporalidades diaspóricas; tradução intercultural, ruídos do texto

Abstract

The close listening to the noises of language, the noises of time, within the process of translation/transcreation into English of Cristiane Sobral's short story "Cândido Abdellah Jr.". Echoes of crossings and diasporas in the act of translation, from an intercultural perspective. Translation as dialogue with diasporic temporalities that appear in the noise between languages, in the Jetztzeit, the Benjaminian time, what is there to be heard. In conversations of identity worlds in that constant becoming. The task of the translator circling with diverse times that collide, and with debris and folds, in Benjamin's image. Homi Bhabha speaks of the Benjaminian "'present': that moment that explodes out of the continuum of history". In an intercultural translation, to work with attentive listening and inquiries, so that these noises speak and impact the original in intensity and desire to listening. So to perceive, in translation, gaps as clues - and in Cristiane Sobral's short story, openings within the text present a character in dialogue with the pain of crossings and departing. Performing the act of survival, let us think of Homi Bhabha's "time of the body in performance". Sobral's short story and my translation of it were presented at the SELCS Brazilian Translation Club Workshop, in a partnership between the University of London, Festa Literária das Periferias and Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/Uerj.

Keywords: being black; identities; diasporic temporalities, intercultural translation, noises of the text.

Para esse estudo, trago notas sobre aspectos da tradução que me possibilitaram uma leitura – conversa com tempos diversos – na tradução intercultural – um choque de temporalidades. Em meu processo de tradução para a língua inglesa do conto “Cândido Abdellah Jr.”, de Cristiane Sobral, autora carioca que vive em Brasília – ficcionista, poeta, atriz, diretora, professora de teatro – a escuta atenta de rumores diaspóricos na língua, rumores no tempo, e do tempo. Ecos de travessias e diásporas e como elas podem aparecer no ato tradutório, numa perspectiva intercultural, na relação com o presente. E na relação com um devir, um futuro. E um passado que atua na memória do corpo. Atualizando marcas, forças na tradução como diálogo com as temporalidades diaspóricas que aparecem no ruído entre línguas, na atualidade contundente do *Jetztzeit*, o tempo benjaminiano que se faz ouvir. Homi Bhabha fala do “‘presente’ benjaminiano: aquele momento que explode para fora do contínuo da história”¹. Numa tradução intercultural, trilhamos caminhos de uma escuta atenta para indagações, estranhamentos sobre o texto original, para que esses ruídos falem e incidam sobre ele em intensidade e desejo de escuta do leitor/tradutor. Em conversas entre mundos identitários em constante transformação. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos que se chocam, e seus resíduos.²

O conto “Cândido Abdellah Jr.”, de Cristiane Sobral, consta de seu livro *Amar antes que amanheça* (2021). Nele, um menino de três anos que perambulava pelas ruas é trazido para o interior da casa de pais brancos que resolvem adotá-lo informalmente. Assim começa a história de Cândido, narrada em primeira pessoa, pelo menino já crescido. Nessa casa, a que ele retorna adulto, num jogo de pistas e despistes na trama do conto, o quarto era o único lugar de paz na casa, mas também, onde ele mais apanhava do pai.³

No conto, sob a perspectiva do narrador negro, revela-se como era difícil criar referências identitárias numa família que não tinha sido preparada para

1 Cf. BHABHA, Homi. *O local da cultura*, 1998.

2 O conto de Cristiane Sobral e trechos de minha tradução foram apresentados na Oficina do (SELCS) Brazilian Translation Club, encontros realizados pela Universidade de Londres, o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/ UERJ e a Flupp, Festa Literária das Periferias.

3 SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p.102.

adotar um menino negro. O título do livro, “Amar antes que amanheça”, traz a ideia de presente, devir, futuro e de um passado que precisa ser convocado e intervir no presente. Homi Bhabha escreve que “o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural”.⁴ E aponta a importância de renovar o passado, “refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”.⁵

No conto de Cristiane Sobral, nesse *Cândido* - nome iluminista por excelência, se evocarmos o conto satírico de Voltaire - a personagem sofre no espaço da intimidade o preconceito e a dor que se repete há séculos, e mesmo assumindo o comportamento do menino bem comportado que queriam dele, há uma transgressão e uma resposta que interrompem, para pensar com Homi Bhabha, essa atuação do presente. É preciso ouvir, na tradução, fendas por onde seguir, e na história de *Cândido* isso se dá ao percebermos frestas, aberturas que falam de um personagem que dialoga com a dor de separações, travessias que ocorreram ao longo dos séculos.

A narrativa de *Cândido* inicia com o menino sendo apresentado como filho de pai e mãe desconhecidos. Antes de saber de sua adoção, é isso que aprendemos. Sua origem, esse lugar que falta. O corpo de uma história que não nos é dado conhecer, mas, ao mesmo tempo, o corpo de uma história que conhecemos, apesar das tentativas de apagamentos, de embranquecimentos da história, ela nos fala desse lugar, da travessia da diáspora. Traz, no entanto, a língua, as relíquias da cultura de uma ancestralidade que em tempos diversos reúne vestígios.

Ele, *Cândido*, apesar do nome que indica candura, a característica de ser alvo, imaculado, é mancha, resto, resquício, corpo que vinga até chegar à outra margem. E convoquemos o tempo dessa escuta, como leitores no caminho para o outro, façamos a pergunta: esse menino - quantas vezes ouviu seu nome? Ele ao longo dos anos a ouvir seu nome, esbarra em candura, alvo, ele cresce em contornos da palavra de outros que o nomeiam. Mas há algo nele que diz, e opera

4 Bhabha, Homi. *O local da cultura*, 1998, p. 27.

5 *Idem.*

diferenças e arrisca as próprias palavras, quando traz para a cena referências como Bob Marley, seu espelho negro. Na construção de identidades a negritude, na borda da palavra de esperança e luta.

Não apenas crescer com este nome, mas ouvir continuamente dos pais adotivos a seguinte frase: “acolhemos o seu corpo miúdo”. Ora, se paramos para ouvir a repetição da frase, percebemos que é um peso muito grande para um menino. No tempo da tradução, no tráfego de sons, ruídos, gestos, ficou cada vez mais em evidência que havia no conto frases que se repetem na cabeça de Cândido. Justamente como esta, já no primeiro parágrafo: “Os meus pais costumavam dizer que acolheram meu corpo miúdo [...]”.⁶ Ao traduzir [o verbo] “acolher”, fiz a escolha pelo verbo “*receive*”. Movimento de tradução, ao buscar a palavra, apareceu o arranhado desse ato, sua passividade, com *receive*. Há o sentido de admitir, aceitar.

Nasci em São Paulo, de pai e mãe desconhecidos, fui adotado aos três anos por uma família que amava com bens materiais e discutível bondade. Os meus pais costumavam dizer que acolheram meu corpo miúdo, cheguei em um lar com quatro irmãos, pai e mãe espíritas que faziam o evangelho e depois discutiam até dormir.⁷

E como traduzi, no diálogo e escuta do texto:

I was born in São Paulo, from father and mother unknown, was adopted at the age of three by a family that nourished me with material love and controversial kindness. ‘We received your tiny body’, my parents used to say, so I arrived at a home with four brothers, spiritist dad and mom that would drag out the Gospel and, then, a fight until falling asleep.

Aqui, busquei *receive* como acolher, no contexto de artigos, notícias de jornal em língua inglesa sobre travessias e imigrantes. Há a passividade do gesto na palavra, ao mesmo tempo, um ato que se anuncia benfazejo. Assim, “*We received your tiny body, my parents used to say*” e aqui ainda inverte a ordem da frase, para que ela ficasse em evidência, note-se que trouxe para o tempo de escuta

6 SOBREAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p. 97.

7 *Idem*.

do menino, ele ouvindo o dito pelos pais. E esta seria a frase que iria me nortear na tradução, a frase que me conectou ao tempo do afeto, da ferida, para que eu pudesse seguir na escuta desse menino, e desse narrador adulto que mais à frente irá nos surpreender, no inquietante jogo de pistas de Cristiane Sobral. Frase que diz acolher e ao mesmo tempo aponta para o abandono. E aponta para o corpo miúdo. Foi importante notar o arranhado do gesto que se diz benfazejo ao demorar-se diante dessa frase no texto, esse acolher como um bem que se anuncia pelos pais ao próprio menino que recebeu essa acolhida. Esse acolher, um resíduo que a frase me trouxe no movimento de traduzir, nesse demorar-se, ver o que resta.

Esse devir da língua, a tradução do mundo em constante transformação à medida que uma ferida se abre, e outra. Os ruídos da língua. Os rumores na casa. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos e resíduos e pregas, sem a casca que se encaixa em torno da fruta. Agora cacós, impossibilidades, e lembrar com Benjamin o que sobrevive, esse sobreviver na língua, despedir-se. Na tarefa do tradutor ou “tarefa-renúncia do tradutor”, como no título da tradução do ensaio de Benjamin por Susana Kampff Lages:

a relação do conteúdo com a língua é completamente diversa no original e na tradução. Pois, se no original eles formam uma certa unidade, como a casca com o fruto, na tradução, a língua recobre seu conteúdo em amplas pregas, como um manto real. Pois ela significa uma língua mais elevada do que ela própria é, permanecendo com isso inadequada a seu próprio conteúdo – grandiosa e estranha.⁸

E, ainda:

A verdadeira tradução é transparente, não esconde o original, não lhe tapa a luz, mas permite que a língua pura, como que reforçada por seu próprio meio de expressão, incida de forma ainda mais plena sobre o original.⁹

Eis aí, minha abertura para entrar na corrente do conto. Perceber a dor. Que virá mais adiante no conto, em vários momentos, e o mais pungente, quando ele

8 BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”, 2008, p.73-74.

9 *Ibidem*, p.97.

recebia violentas surras em seu quarto. Adulto, Cândido retorna a casa e não vê a mancha do seu sangue nas paredes: “Procurei vestígios do meu sangue na parede, não havia, claro”.¹⁰

Podemos pensar nas várias camadas de sangue, e o sangue que não está no quarto. E me pergunto se o leitor vê o sangue na parede ou não. E na tradução, nesse movimento de ler à escuta, e nesse pensar intercultural no sentido de trazer marcas da diáspora negra, se fazer perguntas, nesse movimento de escuta, escavação, você encontra o sangue, você trafega num lugar com todos esses ruídos. E ouve. E há um naufrágio. É aí que começamos. Essa possibilidade de escutar o texto no registro dos que não têm casa, uma memória coletiva dos que foram empurrados para as margens.

Há um movimento de mar e ruídos ao traduzir. Naufrágios, esta criança atualiza, na sua situação presente a violência de naufrágios passados, e travessias. Cândido, nesse peso de ter passado por tanto horror, esse peso traz fatos de memórias coletivas, na intimidade da casa, e ele, Cândido se move em relação a todos que lutaram abrindo caminhos para que ele também pudesse respirar agora. No início do conto, Cândido menino perambulava pelas ruas do mercado e é “acolhido” na casa dos pais brancos, a mesma casa a que ele voltará adulto, ao mesmo quarto. E é na noite da casa que somos lançados junto com Cândido no lugar fronteiro de seu quarto da infância. Local de paz e de surras.

Mas quando ele era garoto, era dele o sangue, entre quatro paredes, o menino Cândido que apanhava, vulnerável. E é também o sangue de outros tempos. E isso se revelou também no processo de tradução e nas escolhas. Outras crianças e peles negras são agredidas, sofrem violência, elas são presentificadas quando ele, de volta ao quarto, diz: “Quem fez sangrar também iria sangrar”. Em inglês, se traduzisse como: “*Those who made [me] bleed would also bleed*”, seria preciso inserir um complemento, como lemos: *who made me bleed*. Mas nesse olhar intercultural da tradução, nas temporalidades de travessias passadas e acompanhando de perto essa dor de Cândido como esse sobrevivente que no movimento da tradução se revela um naufrago, fez-se necessário acompanhar sua experiência singular

10 SOBREAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*, 2021, p.102.

reverberando a dor de outros tempos, a repetição nunca a mesma, e no entanto uma dor coletiva, num coro polifônico de tantas partidas. “*Those who had shed blood would also bleed.*” Em travessias, em margens e mares diversos, em relação com o que se diz, o que se perde, o que sobra, o que sobrevive, encontros de tempos, sempre em tensão, um diálogo plural. Não apenas “o meu sangue”, mas o sangrar no contínuo da história: “*And there I was all prepared, after so long, for the moment of justice and reparation. Those who had shed blood would also bleed.*” Lembrando Bakhtin, cada texto é também tudo o que já foi dito sobre ele, e o que trazemos conosco também; desse modo, a máxima bíblica do Gênesis dialoga com o interior daquela casa do conto, entre as frases que ressoam nas paredes: “*whoever sheds human blood, by humans shall their blood be shed*”.

Assim também, ao traduzir a expressão “o ódio e a violência geravam péssimos frutos”, foi importante na escolha o verbo to bear, que se inscreve em referências como a canção *Strange fruit*, e assim: “*hatred and violence used to bear very bad fruit.*” Intervenções, no diálogo da tradutora com o texto original, pensando também a temporalidade segundo Mikhail Bakhtin. Esse grande tempo onde se encontram as leituras e tudo o que já foi dito sobre um objeto livro, sobre um texto.

Se formos por esse caminho, existem riscos que conversam entre si: “A minha família tinha bens, nada de dificuldades financeiras. Nunca enfrentaram isso nem de longe.” Na tradução para a língua inglesa: “*My family had wealth, there were no signs of financial distress at all. They had never had to struggle with that, not even by far.*” Ora, com a expressão *to struggle with poverty* vem a fala que reverbera em textos de James Baldwin e palavras de luta, já que “*Anyone who has ever struggled with poverty knows how extremely expensive it is to be poor.*” Na travessia linguístico cultural, vozes reverberam – ruídos na língua / sintonias de vozes em lutas e tempos que se comunicam em rizomas, no sentido da polifonia resgatada por Paul Gilroy em seu *Atlântico Negro*.

Em outros aspectos que se entrelaçam, importa pensar a oralidade presente na escrita de Cristiane Sobral, o tempo-ritmo da conversa – o instante-ritmo onde está o leitor/ouvinte - “Mas atenção, queridos leitores. Sem precipitação.” - como é essa voz que narra e chama o leitor para o instante. E como buscar, na língua

inglesa, esse movimento da atenção, do chamamento, presente no som da palavra que convoca um gesto. Assim, na tradução, aparece um tempo desse gesto, na palavra, no corpo que para e chama, à espera: “*But please dear readers, beware. No rush.*” Ora, as possibilidades que a língua inglesa oferece à tradução revelam na sonoridade das palavras também a dimensão da oralidade e da espera, tanto no ritmo da voz quanto no gesto que faz aparecer o corpo desse narrador no texto.

No conto, Cândido busca por suas diversas identidades e em suas sessões de análise, outro espaço se abre, e é o ódio de uma infância ferida que não mais se esconde, e que aparece no sonho. Cândido se revela em seu desejo identitário, de se reescrever, e no espaço singular da análise encontramos pistas desse Cândido no coro de vozes do passado, murmúrios da casa revisitada em sonho. E nessa escuta na tradução, na leitura, a presença de travessias passadas na vida do menino que se tornou adulto: as ondas devolvem o que está agora nas margens, o corpo da criança, de novo o naufrago. E esse Cândido se revela, ao narrar o sonho, a cada dia “mais perto de si mesmo”¹¹ (SOBRAL, 2021, p.104) - Também esse Cândido coletivo e ao mesmo tempo singular, no seu rasgo de solidão - pode respirar, e todos que vêm com ele, na travessia de séculos, e com os apagamentos em sua dor a cada vez - aquela mancha de sangue na parede. O sangue dele. “Expressar raiva, fúria e ódio, considerando tudo o que você passou, mesmo em um sonho ruim, é sinal de que você está cada dia mais perto de si mesmo”¹². No conto, histórias são convocados, corpos trazidos à força para as Américas e seu sofrimento corporal, silenciamentos e no entanto travessias onde cada corpo se reinventa, performa sua dor e reescreve caminhos em rizomas na diáspora africana, no encontro de raízes, relíquias do que vingou chegar à margem na herança da língua, na memória do corpo.

Cândido, já adulto, entra no processo de análise, lugar onde tudo pode ser dito, e se não teve o tempo para realizar o luto da perda de sua ancestralidade, antes de descobri-la ele vive a revolta da melancolia, no repetir o que queriam dele: “Por que me aceitei ser esse preto projetado para viver, agradar e vencer em uma sociedade onde os brancos dominavam tudo?”

11 *Ibidem*, p.104.

12 *Idem*.

Mas na sessão de análise as palavras impronunciáveis têm o seu lugar, tais como as que falam do desejo de matar os pais. Como também têm lugar suas múltiplas identidades, sua identidade em devir. No tempo de uma tradução que está atenta para identidades em relação, num rasgo, num instante revelador, abertura, fenda, saber o se que perdeu - um olhar, o que no outro olhava para você antes da separação - para poder fazer o luto. E encontrar outros que se perderam de suas famílias e de sua própria história, e que não sabem exatamente o que perderam. O que ele também perdeu? E do que ele é sobrevivente? No trauma evocado, reconhecido, algo precisa ser nomeado, a tradução se faz como escuta daquele corpo agredido, surrado, desse corpo que na palavra e no sonho encena a sua perda, em novo impulso e ritmo, dança e vive o luto. E do dizer de um corpo que fora rasurado antes de ser escrito, e agora atualizado em suas diversas temporalidades. Corpo que se lança, segue, para, escuta, em movimento. Encenar na tradução a dor. Trazer esse contexto do naufrágio no movimento de tradução é deixar que se revele o menino em sua dor de travessias: de mares, das ruas, o menino negro que sai da casa para a escola e não volta. Como é chegar à outra margem. Renovar sempre a escuta na tradução e tangenciar essa dor, e aí trazer o movimento, quase uma dança. No encontro com a autora, ela disse do texto em inglês. “Parece uma dança. Parece que nós sonhamos o mesmo sonho juntas”. Trazer o tempo do corpo, do gesto, na tradução para a língua inglesa. No movimento, o ritmo, a oralidade no corpo. E eu de fato dancei o texto antes da tradução, numa busca. Quis escutar a autora em sua vivência artística múltipla, quis escutar isso também no texto. Surpreende como ela observou, na sua sensível percepção na língua inglesa que uma dança tivesse acontecido, sem saber que eu tinha de fato dançado o texto, partindo de meu próprio viver artístico. Pensar em tempos, ritmos, dentro do próprio texto quando você traz o corpo e o gesto.

Na tradução, nessa escuta com o corpo, são perguntas que aparecem nas relações com as temporalidades da diáspora. Mares, famílias que se separaram, terras e línguas que se perderam. E as relíquias, restos, vestígios que chegam às margens, em diferentes fronteiras. Entre terras, ruas, travessia de meninos e meninas também nas cidades. Esse ir até a outra margem como estratégia de sobrevivência. E nas margens, os restos, o que sobrou ou é devolvido pelas ondas.

E o menino que sobrevive, depois da rememoração durante o processo de análise...
E o menino, os meninos e meninas ancestrais na diáspora, os que sobreviveram.

No sonho, Cândido tem as chaves e entra na casa, volta ao quarto, às paredes brancas. O que não há no quarto: não há a mancha de sangue na parede, o seu sangue. Não está o quadro do Bob Marley, essa tinta do quadro também não está. O quarto branco sem cicatriz e sem a pintura, o quadro. E as frases que ouvia desde criança surgem na casa. E nós leitores, leitoras, ouvimos, com Cândido o som das frases que reverberam:

Estar novamente dentro da casa, era abrir essa caixa de lembranças. Saí da sala e fui direto para o meu quarto. A casa parecia mal assombrada, o único lugar de paz costumava ser o meu quarto, mas também foi ali onde eu mais apanhei.¹³

No entre-lugar de seu presente, Cândido, de Cristiane Sobral traz as dores das memórias da diáspora, e as dores de futuros projetados para fora de identidades possíveis. O se perder dos pais, e também o trauma coletivo das crianças negras que não puderam ser filhos, e de cada uma dessas crianças (hoje a cada vez que falamos sobre a diáspora negra, mais um nome aparece na mídia, mais uma vida) e o luto sem lugar na vida social, esse trauma das mães negras impedidas de serem mães de seus filhos e que não puderam viver esse luto, nas formas de uma abolição que abandonou à própria sorte mulheres e homens escravizados, e ao longo dos séculos, condenando repetidamente as crianças negras a uma vulnerabilidade permanente. A cada separação de mães, filhos, tempos diversos, e a repetição da violência, mas a cada vez nunca a mesma. Escavação do passado – e conversas com os tempos fragmentários, tempos-cascas, escombros, e pequenos fragmentos que digam algo do que não se tem mais. E em seus silêncios algo se presentifica, nesse colher objetos que possam nos olhar. Os escombros da história, e dos oprimidos da história, esses estilhaços e nossos tempos. Se há travessia há margens, lá e cá, e restos e o que chega, o que e como chega, vivo, morto, destroçado, partido. O que deveria ter permanecido oculto, mas vem à luz ou volta e é expelido para as margens. E aquelas frases, murmúrios da infância, ressoam no conto de Cristiane

13 *Idem.*

Sobral como ondas sonoras que o menino já grande ouve quando retorna a casa. A importância de ver esses espaços, riscos, cenários, manchas, paredes, apagamentos, rasgos: São espaços-páginas a se pensar, a se convocar na tradução.

Ao longo da tradução, a própria palavra em sua borda, sonoridade, materialidade, começou a ressoar em meus ouvidos, frases ouvidas por Cândido na casa reverberam nas paredes, rumores da casa ao longo da tradução. E a multiplicidade da palavra reverberando na outra língua me fez querer escutar mais e mais com Cândido o que ele diz em sua narrativa, o que ele conta. As palavras-frases murmuram ou explodem numa sentença: quem fez sangrar iria também sangrar. E nesta encenação, no espaço que se instala, ali pode aparecer a mancha, o sangue na parede, ali se ouvem naufrágios, a encenação da perda, a performance do corpo na viagem. No espaço a parede branca e suas escavações ou camadas - o que se vê ali? O que se ouve?

As crianças desgarradas, casas que murmuram, Cândido marcado por uma solidão, a solidão do menino, a cada vez a memória-cascas do acontecimento. O que se colheu dos fragmentos e que na demora do olhar fala em silêncios, penso na imagem de Didi-Huberman das três lascas arrancadas de uma árvore, “como restos de um livro queimado”¹⁴, resíduos de sua visita a Birkenwald, o campo de extermínio de Auschwitz. Diante delas, ele começa a escrever o que ainda não sabe, e também diante de cada imagem fotografada por ele, essa espera para tentar ouvir o que não se percebe no presente, a barbárie. Na narrativa de Cristiane Sobral, a mancha na parede ecoa também, as vozes negras que em sua força-espelho reverberam e levam o menino na travessia. O quadro de Bob Marley, para Cândido referência fundadora, seu espelho negro. E o espaço entre sujeitos e objetos em suas singularidades, o tempo no movimento do que aparece, do que falta. Também na tradução, no movimento de passagem de uma língua a outra, ruídos, o estranho do gesto, da personagem, da tradutora, da autora. Na fronteira, ali, vê-se um resto - um rasgo, um rastro - e algo inaudito se fez ouvir.

Um movimento que traz um ritmo – uma dança entre vozes. A sonoridade na narrativa a partir do gesto: entrar na casa, a encenação do espaço ao ver que

14 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*, 2017, p. 10.

falta o quadro na parede, seu espelho-negro, e a mancha de sangue das surras na infância. Evocá-la no momento mesmo em que percebe que ela não está. Ecos das cenas, sons da memória. Walter Benjamin escreve:

a tradução tem por finalidade dar expressão à relação mais íntima das línguas umas com as outras. Ela própria não tem possibilidades de revelar ou de produzir essa relação oculta; mas pode, isso sim, representá-la levando-a à prática de forma embrionária e intensiva.¹⁵

Na diáspora negra, cruzando o Atlântico, imagens, ruídos de um arrancar a criança da mãe. Um se desgarrar. Isso que se rasga a cada vez, um enigma, e como pergunta Susana Kampff Lages em conversa na leitura do presente artigo, “talvez seja essa obscuridade que interessa, esse enigma - seria o rasgo o gesto que institui um enigma? Seria muito interessante pensar assim”. E no enigma, a solidão do menino. Pensar nessa criança que ouve ao longo dos anos como foi acolhido: “meus pais acolheram meu corpo miúdo”. Em inglês: “ ‘We received your tiny body’, my parents used to say”. Inverti a ordem na tradução, chamando atenção para a frase dita pelos pais, e sua repetição na cabeça do menino – “ ‘We received your tiny body’”. Ruídos de minha entrada no texto original, a partir da escuta na língua inglesa. Acolher – we welcome visitors. Mas nas chegadas de sobreviventes, refugiados, nos textos originais em língua inglesa nas notícias de travessias onde encontramos esse acolher – um termo se ouve, se lê – to receive : marcando um arranhão neste acolher.

Se a tradução, como escreve Benjamin, não significa nada para original, existe entre eles uma “conexão vital”:

ela entra numa conexão íntima com este, devido à sua tradutibilidade. E essa conexão é ainda mais íntima pelo fato de nada significar já para o original. Podemos chamá-la de uma conexão natural, mais exatamente uma conexão vital.¹⁶

E essa conexão, no debate da Oficina com presença de Cristiane Sobral – surge com esta escavação nas camadas da narrativa, não seria um simples acolher

15 BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor” In: , 2018, p.90.

16 BENJAMIN, Walter, “A tarefa do tradutor”, In: 2018, p.89.

– é um acolher que se mostra. E ali está a tensão do conto – mostrar o bem que pensa ter feito, em vez de agir, simplesmente. E esse personagem sob opressão deve sorrir onde era dor. No conto, ele nomeará o trauma, perceberá os vários eventos traumáticos que o levaram a ser o que os outros queriam dele, e se prepara para a hora da reparação. E na tradução, ouvir naufrágios, ruídos, determinou escolhas. Tremores para que apareça o trauma. E o luto do que se perdeu. possa ser feito – Tremores: ritmo, tempo, atenção.

Do nome Cândido, em sua singeleza, inocência e brancura, o freudiano estranhamente familiar, ou o incômodo, o que deveria ter ficado oculto e vem a luz. E esse ódio que vem, na história da personagem, esse Cândido a quem os pais queriam branco, “o filho branco que é escuro” e que explode em raiva no sonho. Esse nomear do narrador-personagem para que possa ser realizado o luto. Saber o que se perdeu e daí possa aparecer o trauma. Um dizer o trauma, e no conto, um dizer a nossa sociedade colonial, a sociedade do presente, marcada pela empresa colonial. Na tradução, quis trazer essas temporalidades da diáspora. Dos traumas coloniais. Na tradução, quis ouvir. Espaço, tempo, ruídos, silêncios. Ruídos do tempo na travessia, ou no corpo, tremores, na borda derridiana, tremer o corpo. Ora, na tradução essa espera, ou escuta. Lembrando o conto de Cristiane Sobral, na minha tradução: *Beware. No rush*. Aí, voltamos à escuta atenta das temporalidades diaspóricas, nessa interculturalidade própria da tradução que considera as marcas da negritude, na polifonia dos espaços-entre. Ou entre-lugares, “*in-between*” spaces, a lembrar a expressão de Homi Bhabha.

“*Those who had shed blood would also bleed.*” *Bleed*. Sangrar. Fincou-se a necessidade de uma escuta. E daí nasceu a pergunta. Sobre essa dor. De novo. E dor de quem? De muitos. E também outra fina, insistente camada, ainda: a dor de Cândido ao ouvir as frases que ouvia. E no movimento de reler o conto, algo que já causara um estranhamento, na tradução, e nesse sangrar, nessa mancha e seus apagamentos, uma condensação, um ápice de tantos murmúrios na casa. E de fato, na tradução me deparei com várias formas de dizer da presença de algo que fere: a fala cortante que povoou sua infância, as várias frases que naquela casa Cândido ouviu da família, e as mais cortantes, de seu pai. As mais cortantes, o sangue na parede, junto com a surra.

E no universo das frases, está de repente. “*Those who had shed blood would also bleed.*” Pensei não será mais uma? Das frases que se ouve? Da máxima bíblica que lemos anteriormente “*whoever sheds human blood, by humans shall their blood be shed*”. Na família cristã, memória que agora ele devolve, a máxima não é sua, mas dela se apropria e devolve em nome de sua infância e de todas as outras infâncias, roubadas, de seu sangue, suas identidades, raízes, diásporas? Tantos naufrágos e os restos que Cândido e com ele também nós leitoras e leitores conseguimos ver ainda nas margens, o que do lado de lá pode recuperar, em vestígios, fazer falar, com as sobras, ou relíquias, da travessia.

E essas identidades plurais, permanecem em movimento, nunca fixas. Fronteiras como diálogos nas fronteiras, a borda sempre mais além. O estranhamento familiar, como no conhecido ensaio freudiano, no sonho de Cândido algo se revela que deveria ter permanecido oculto, mas vem à luz, a violência histórica contra os escravizados, esse Cândido em sua dor singular e que se comunica com todas as outras dores e revelam não dentro e fora, em oposições, mas conversas de uma fronteira em movimento.

Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Edição e Tradução de João Barrento. In: BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura* (filosofia, teoria e crítica). Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 87-100.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: BRANCO, Lucia Castello. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p.66-81.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FUENTES, Susana Carneiro. FUENTES, S. Travessias: espaços da casa e vidas negras. *Cadernos de Letras*, v. 32, n. 63, p. 127-149, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/50296> Acesso em 24/04/2022

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. O "Estranho". In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.17, p.233-73.

SOBRAL, Cristiane. *Amar antes que amanheça*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

Submissão: 28/03/2022

Aceite: 15/06/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87169>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*